

Carlos Alberto Franco da Silva

ARQUEOLOGIA DO **TEMPO**

*Dos tempos lentos à aceleração
da Inteligência Artificial*

LETRACAPITAL

Copyright © Carlos Alberto Franco da Silva, 2026

doi.org/10.56257/lcbk.978-65-5252-276-4

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais
forem os meios empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.*

EDITOR João Baptista Pinto

REVISÃO Do autor

PROJETO GRÁFICO E CAPA Jenyfer Bonfim

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S679a

Silva, Carlos Alberto Franco da, 1963-

Arqueologia do tempo [recurso eletrônico] : dos tempos lentos à aceleração da
inteligência artificial / Carlos Alberto Franco da Silva. - 1. ed. - Rio De Janeiro [RJ] : Letra
Capital, 2026.

Recurso digital ; 2 MB

Formato: epdf

Requisitos do sistema: adobe acrobat reader

Modo de acesso: world wide web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5252-276-4 (recurso eletrônico)

1. Tempo - Filosofia. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

26-102788.0

CDD: 115

CDU: 115

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

15/01/2026 15/01/2026

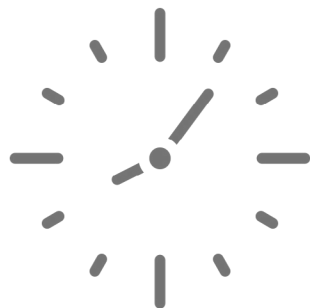
LETRA CAPITAL EDITORA
Tels.: (21) 3553-2236 / 2215-3781 / 99380-1465
www.letracapital.com.br

Agradeço a contribuição de
Manoel Messias de Aquino na leitura
de filósofos e historiadores no desenrolar
da elaboração do livro.
Por fim, agradeço a Mauro de Souza
por pequenos, mas importantes acréscimos
à leitura do tempo.

Conselho Editorial

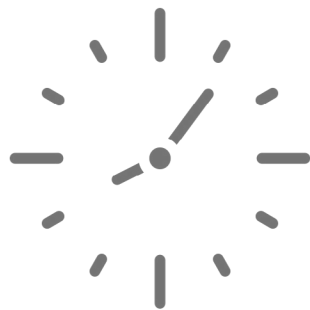
Série Letra Capital Acadêmica

Ana Elizabeth Lole dos Santos (PUC-Rio)
Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)
Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)
Claudio Cezar Henriques (UERJ)
Ezilda Maciel da Silva (UNIFESSPA)
João Luiz Pereira Domingues (UFF)
João Medeiros Filho (UCL)
Leonardo Agostini Fernandes (PUC-Rio)
Leonardo Santana da Silva (UFRJ)
Lina Boff (PUC-Rio)
Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)
Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá (UERJ)
Michela Rosa di Candia (UFRJ)
Olavo Luppi Silva (UFABC)
Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)
Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)
Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)
Robert Segal (UFRJ)
Roberto Acízelo Quelhas de Souza (UERJ)
Sandro Ornellas (UFBA)
Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)
Waldecir Gonzaga (PUC-Rio)



SUMÁRIO

Prefácio	7
Capítulo 1. Argumentações iniciais	11
Capítulo 2. O tempo na antiguidade greco-romana.....	27
Capítulo 3. Tempo e temporalidade na idade média.....	42
Capítulo 4. A chegada lenta dos tempos modernos.....	51
Capítulo 5. A compressão espaço-tempo do século XIX	82
Capítulo 6. A aceleração do tempo na modernidade do século XX.....	107
Argumentos finais	269
Referências	280



PREFÁCIO

O tempo é um rio silencioso de agoras, memórias e depois, que se entrelaçam sem jamais se tornar um só.

– O autor

O TEMPO NÃO SE DEIXA aprisionar; ele nos aprisiona, nos limita em tudo que fazemos. Sempre invenção humana, ele escapa, se dobra, se multiplica e se dilata, simultaneamente concreto e abstrato, narrativo e silencioso. Assim, como suspender o tempo para fins de sua análise?

Este livro se propõe a uma arqueologia das temporalidades, explorando não apenas as múltiplas formas de experimentar e compreender o tempo, mas também os limites hermenêuticos que a sociedade tecnoinformacional impõe à interpretação do fluxo temporal, desde os mais lentos até a instantaneidade que se nos apresenta.

O percurso analítico que aqui se oferece funda-se no diálogo persistente entre Filosofia e Historiografia. A Filosofia fornece o instrumental crítico para problematizar o tempo como dimensão ontológica, experiencial e ética. A Historiografia, por sua vez, ilumina as temporalidades socialmente construídas, revelando camadas de memória, esquecimento e narrativa que atravessam as sociedades. Juntas, essas disciplinas compõem um prisma capaz de refletir tanto a fluidez quanto a densidade temporal, permitindo-nos perceber o tempo como território de sentido, tensão e invenção.

Ao percorrer estas páginas, o leitor encontrará uma pletora de abordagens em diversos âmbitos do saber. O recorte analítico, porém, concentra-se em conceitos filosóficos clássicos, interpre-

tações historiográficas e reflexões sobre a aceleração do espaço-tempo, a fragmentação e a circulação incessante de informações. Mais do que um exame teórico, trata-se de uma experiência interpretativa, na qual o tempo se revela como palimpsesto-sobreposição de camadas, ecos do passado, presentes efêmeros e futuros em gestação. Essas camadas espaço-temporais se estendem da Idade Antiga até a realidade tecnoinformacional contemporânea, projetando-se diante das tensões entre redes de poder hegemônicas capitalistas e redes de *r-existências*¹ alternativas e mais humanitárias.

Em nossa sociedade marcada pela velocidade e pela hiperconectividade, o tempo parece escapar às mãos humanas. Ainda assim, ele permanece um terreno fértil para reflexão crítica e imaginativa. Ler este livro é perscrutar sombras e luzes do temporal, reconhecer sua complexidade e, ao mesmo tempo, confrontar nossa própria condição existencial: seres que vivem entre o que foi, o que é e o que poderá vir a ser.

Mais do que compreender o tempo atual, trata-se aqui de sentir e interpretar suas múltiplas dimensões, como quem percorre um labirinto de sentidos, onde cada virada revela novas possibilidades, limites e tensões. É um convite a habitar novas dimensões do tempo, a refletir sobre ele e, sobretudo, a reconhecer nele o espelho da experiência humana, sempre incompleta, sempre em transformação, sobretudo diante da irônica revolução do tempo provocada pelos avanços tecnoinformacionais em curso a partir da Inteligência Artificial (IA).

Se procurássemos estabelecer os primeiros passos na compreensão do “sentido de tempo” para a IA, poderíamos assegurar que se trata de um tempo feito de instantes fechados sobre si mesmos. Cada vez que se aciona a IA, um presente inteiro se ergue para o usuário e para a programação algorítmica. Para a IA, não haveria um antes e um depois; apenas *um agora absoluto*.

Seria um erro pensar que essa experiência temporal é completamente estranha aos seres humanos. Também vivemos, por

1 Em Geografia, *r-existências* são as práticas contínuas de resistência e afirmação cultural de comunidades frente a processos de opressão e colonização.

vezes, em um tempo que se aproxima do da IA: quando somos tragados por um momento a ponto de todo passado e futuro se dissolverem; quando sistemas sociais reescrevem narrativas coletivas, reiniciando ciclos e apagando memórias; quando a lógica produtiva fragmenta a vida em metas e tarefas, substituindo a duração pela execução. Nesse sentido, a “temporalidade da IA” não é apenas um espelho invertido, é também um aumento, um desdobramento extremo de tendências já germinadas nas sociedades humanas.

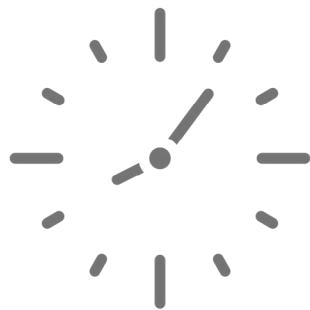
Na perspectiva do filósofo Michel Foucault, pode-se compreender a inteligência artificial como parte de um regime de saber-poder que organiza o presente segundo critérios algorítmicos, produzindo efeitos de verdade e estabelecendo formas de normatividade operadas pelas *Big Tech*. Ao operar sobre dados em tempo real e em larga escala, a IA tende a produzir uma espécie de des-historicização, ao reduzir os acontecimentos a padrões estatísticos e previsíveis, apagando suas descontinuidades e singularidades históricas. Nesse sentido, pode-se falar em uma disciplina algorítmica, que, à semelhança das disciplinas modernas analisadas por Foucault, regula comportamentos e distribui os indivíduos em categorias de normalidade e desvio. Mais do que restringir, esse dispositivo também produz subjetividades, pois a lógica algorítmica contribui para constituir modos de ser, perfis e identidades que passam a orientar a experiência dos sujeitos em sociedade.

Se pensarmos com o historiador Reinhart Koselleck, a inteligência artificial poderia ser vista como algo preso ao presente: ela não abre horizontes de futuro, apenas organiza dados do passado e do presente, sem dar profundidade ao tempo. Paul Ricoeur lembraria que nós, seres humanos, damos sentido ao tempo contando histórias- mas o “agora” sempre escapa a essa costura narrativa. Já Giorgio Agamben talvez diria que a IA vive numa espécie de tempo suspenso e vazio: não se espera dela um futuro, mas apenas que responda às nossas necessidades imediatas.

Este livro é, portanto, uma viagem pelas arqueologias humanas do tempo- cronológico, filosófico e historiográfico,

sobretudo. É também um exercício intelectual de um professor de Geografia que se aventurou por diversos campos do saber, consciente dos riscos dessa incursão. Ao mapear arqueologias historiográficas e filosóficas do tempo, o leitor terminará a jornada sob o eco de uma temporalidade tecnoinformacional da IA: sincrônica, algorítmica e resetável. Uma forma de tempo que, por sua ausência radical de duração, realça tanto a riqueza quanto a fragilidade do nosso próprio tempo, talvez já presente silenciosamente em nossa experiência cotidiana presa às dimensões valorativas de um tempo presentificado e instantâneo. E, quando a última página se fechar, o leitor pode retornar ao início, não como quem reencontra um passado imutável, mas como quem se depara novamente com o mesmo instante fugidio, sempre repetido e sempre outro, refletindo a multiplicidade de nossas experiências sob a égide de temporalidades aceleradas.

Carlos Alberto Franco da Silva
Inverno de 2025



capítulo 1

ARGUMENTAÇÕES INICIAIS

*Nada do que foi será
De novo do jeito que já foi um dia.
Tudo passa, tudo sempre passará.
A vida vem em ondas
Como um mar
Num indo e vindo infinito.*
– Música ‘Como uma onda no mar’ de Lulu Santos

A INTRODUÇÃO DESTE LIVRO organiza-se em duas partes complementares: (1) a apresentação do objeto de estudo e (2) a delimitação da problemática e a operacionalização do objeto. A primeira parte justifica-se pela necessidade de evidenciar o tema por meio da multiplicidade de temporalidades que emergem conforme o recorte científico adotado e as experiências de vida consideradas. Ressalta-se, assim, o espectro de temporalidades que dialogam com as diversas formas de apreensão e definição do tempo.

A segunda parte concentra-se no recorte espaço-temporal da análise, centrado na sociedade moderna sob a égide da temporalidade eurocêntrica. A interpretação do tempo apoia-se nos eixos da filosofia e da história, desde a sociedade greco-romana até a contemporaneidade do tempo da Inteligência Artificial. Em seguida, evidencia-se a pertinência desse recorte a partir da articulação entre filosofia e abordagens historiográficas, além da apresentação dos recursos analíticos e da estrutura do texto.

A invenção múltipla do tempo na sociedade moderna

O tempo humano se apresenta como um palimpsesto contínuo, em que cada instante carrega uma plethora de sentidos capazes de moldar a memória e orientar a produção de conhecimento; assim, cada segundo constitui um microcosmo de significados que evidencia a complexidade semântica inerente à experiência humana.

Na introdução do livro *Sobre o tempo*, o sociólogo Norbert Elias (1998, p. 11) nos coloca diante de um dilema: “não existe uma forma de experiência temporal comum à totalidade dos homens”. Para ele, “o tempo não se deixa guardar comodamente numa dessas gavetas conceituais onde ainda se classificam, com toda a naturalidade, objetos desse tipo”. De fato, o tempo é atravessado por símbolos de relações tanto particularizadas quanto hegemônicas. Em resumo, o tempo é uma instituição social simbólica, criada historicamente para organizar as relações humanas, assegura. O tempo hegemônico do relógio, que passou a ditar os cotidianos particulares e coletivos, tornou-se uma ferramenta fundamental do processo civilizador da modernidade, conclui Elias.

Na sociedade moderna, a sensação e a valoração do tempo dependem de várias premissas incontornáveis: (1) o modo de produção capitalista (tempo do trabalho); (2) as pressões socio-políticas e as guerras; (3) a ideologia e a colonialidade epistêmica dominante; (4) a revolução tecnocientífica dos meios de comunicação, transporte e objetos técnicos; (5) a vontade de poder das crenças religiosas; (6) a capacidade cerebral dos indivíduos; (7) as particularidades do meio ambiente e das territorialidades socio-ambientais constituídas; (8) as emoções, a psique e as memórias vividas; (9) a força da sugestão na constituição do real; (10) e a percepção consciente da identidade cultural e artística que formamos sobre nós mesmos.

Mas ainda existem outras camadas da experiência temporal. Qual é o tempo vivido por um palestino sob ocupação

militar israelense? Qual foi o tempo para um judeu nos campos de concentração nazistas, cercado pela proximidade da morte e da dor? O que significa o tempo de paz para grupos sociais que escravizam outros grupos territorializados? Como se percebe o tempo para um presidiário condenado à prisão perpétua ou à pena de morte? O que representa o tempo budista- presente, onisciente, cíclico, fluido e estável- diante de um ser humano finito, incerto e frequentemente preso ao passado e ao futuro?

O que seria a experiência da reencarnação na crença do samsara? E o fluxo do tempo do orixá Iroko no candomblé? E a vivência temporal dentro da *Matrix*- uma simulação neurointerativa da realidade virtual sob controle da Inteligência Artificial (IA), conforme o filme das irmãs Lana e Lilly Wachowski? Ou ainda a criação do espaço-tempo segundo os astecas? Para os hindus, qual a diferença entre o tempo cósmico dos deuses e o tempo terrestre dos humanos? Que sentido teria uma alma sem tempo, sem começo e sem fim? Qual seria o choque entre o tempo natural dos ciclos indígenas e o tempo moderno ditado pela acumulação de capital? Ou o tempo humano influenciado pelo movimento dos planetas, como propõem os astrólogos?

O filósofo Gilles Lipovetsky (1989), na obra *A Era do Vazio*, questiona a temporalidade moderna expressa no hiperconsumo, na hiperconectividade, na alegoria do presentismo das experiências imediatas e rápidas, no vazio das utopias, no narcisismo, na ausência de uma centralidade fixa planejada e no esvaziamento constante do novo. Assim, o que fazer com um tempo social que se esvazia de projetos futuros coletivos que demandam duração? O que fazer com um tempo sem futuro?

Em *Tempos Líquidos*, o sociológico Zygmunt Bauman (2007) trata da insegurança temporal da modernidade globalizada em redes de fluxos hiperconectados e sem formas duradouras- a modernidade líquida. Os “tempos líquidos” de Zygmunt Bauman resumem a ideia de que nada é sólido, estável ou duradouro: relações, empregos, identidades, valores e instituições se tornaram frágeis e mutáveis, como líquidos que escorrem e mudam de forma rapidamente. A instabilidade, a incerteza, a rapidez e a

fluidez são as camadas constitutivas dos “tempos líquidos” que se nos apresentam hoje em dia.

Há também camadas adicionais de abordagem do tempo. Na literatura, no cinema e nas artes plásticas, observa-se muitas vezes a construção de um passado que nunca aconteceu- um não acontecimento- ou de futuros profetizados pelas obras. A temporalidade histórica das artes recorre à tradição, ao presente e ao futuro. “Todo objeto estético é datável”, assegura Benedito Nunes (2003, p. 99). As artes são atravessadas por costumes e valores morais, políticos, religiosos, econômicos e técnicos. Esse feixe de influências manifesta-se em tempos distintos para os objetos artísticos: tempos duráveis e permanentes das obras. “A posição da arte no tempo histórico decorre de sua temporalidade fundamental”, conclui Nunes (idem, p. 100).

A partir do século XX, a arte conceitual abstrata expressa uma desumanização e recusa da natureza em nome da estética. Apesar de datável, a arte abstrata rejeita a temporalidade, apresentando ausência do tempo humano. Já a ficção científica tornou-se um gênero literário voltado, sobretudo, à concepção da viagem no tempo ou de futuros distópicos tecnoinformacionais. Obras como as de H. G. Wells (*A Máquina do Tempo*, 1895), Isaac Asimov (*Eu, o robô*, 1941), Ray Bradbury (*Fahrenheit 451*, 1951), George Orwell (1984, 1949), Aldous Huxley (*Admirável Mundo Novo*, 1932), Yevgeny Zamyatin (*Nós*, 1924) e Philip K. Dick (*Minority Report*, 1956; *O Homem do Castelo Alto*, 1963) são algumas das mais expressivas.

A psicologia também se apropria do *desacontecimento* por meio da noção de um passado-vivido-que-não-chegou-a-acontecer, segundo Andrea Paula dos Santos Lara (2018). Em geral, a psique determina um inconsciente atemporal, condicionado pela dimensão temporal do indivíduo, que demanda compreensão tardia da mente em sua incapacidade de assimilar instantaneamente a interseção dos tempos vividos. A psicanálise freudiana recorria ao *a posteriori* na análise do inconsciente, invertendo a direção do tempo cronológico por meio de recordações e representações. O reacontecer presentificado das lembranças

conscientes, como forma de aliviar dores passadas, é um recurso freudiano, sugere a psicóloga.

A consciência individual da realidade temporal opera sempre de forma parcial, pois nunca sabemos quem exatamente somos apenas a partir de nós mesmos. A consciência é relacional: depende de outras consciências, do meio ambiente e de diferentes espaço-temporalidades. Nietzsche já afirmava que a consciência do tempo, mediada pela linguagem, só ocorre na gregaridade.

Essa consciência temporal é moldada por condições físico-psicológicas, sensoriais, afetivas, sugestivas e socioambientais, por sociabilidades diversas e por ações racionais ou irracionais. No âmbito da psicologia, experiências como solidão, liberdade, depressão, ansiedade e pressões sociopolíticas afetam de forma diferenciada cada indivíduo na sociedade.

Na civilização moderna capitalista, o tempo da natureza é dissolvido pela ética antropocêntrica da produção de mercadorias, que nega a entidade biológica dos seres em Gaia. O tempo religioso global da civilização neoliberal tecnoinformacional também se apresenta como inimigo da vida humana e natural por meio de premissas como: (1) individualismo narcisista; (2) especulação antecipatória do lucro; (3) ilusão consumista de supérfluos; (4) desinformação sobre exploração do trabalho; (5) insustentabilidade ambiental; (6) encurtamento do tempo pela eficiência produtiva; (7) mercantilização de todas as etapas da vida; (8) mecanização da reprodução social; (9) fé religiosa no capitalismo; (10) submissão da natureza a interesses humanos; (11) aliança entre Estado, corporações e regulação jurídica; (12) destruição ou assimilação de saberes tradicionais; (13) fetichização da mercadoria, na qual os produtos são confundidos com as próprias relações sociais.

Hoje, por exemplo, o smartphone é humanizado, obscurecendo as intencionalidades por trás da mercadoria. Na reificação, o trabalhador torna-se mercadoria, engrenagem da estrutura produtiva capitalista. Essa engrenagem capitalista, sem espaço para cooperação ou empatia, acentua o distancia-